

IN PASCHOAL + CELANI (orgs.) 1992:15-23

1

## AFINAL, O QUE É LINGÜÍSTICA APLICADA?

PASCHOAL, M.S.Z. & CELANI, M.A.A. (orgs.).

Linguística Aplicada: da Aplicação da  
Linguística à Linguística Transdisciplinar.

São Paulo: EDUC, 1992.

Maria Antonieta Alba Celani  
PUC-SP

We who do it know what it is.  
Pit Corder

*Applied Linguistics is what  
applied linguists do ...  
Applied linguists are those  
recognised as such by other  
applied linguists*  
Peter Stevns

*Should we call the art of  
cooking applied chemistry?*  
Joe D. Palmer

### Perspectiva Histórica

Embora desde os fins do século XIX comece a aparecer a necessidade de se definir *lingüística aplicada*, a dificuldade de se encontrar uma definição satisfatória para o termo parece persistir até hoje. A própria aceitação de *lingüística aplicada* como área de conhecimento de foro próprio não tem sido tarefa simples.

Bohn e Vandresen (1988) apontam que *Linguística Aplicada* já figurava no elenco de disciplinas da Universidade de Michigan em 1946<sup>1</sup>. Associações de *lingüística aplicada* — um bom indicativo de força — no entanto, só aparecem quase duas décadas mais tarde na Europa, e mais de três décadas mais tarde nos Estados Unidos. Em 1964 funda-se a Association International de Linguistique Appliquée (AILA) e em 1966 a British Association of Applied Linguistics (BAAL), enquanto só em 1977 é fundada a American Association of Applied Linguistics,

1 É dessa época a criação do English Language Institute por Charles Fries e Robert Lado.

após a mesa-redonda *On the scope of applied linguistics*, na reunião anual da Teachers of English to Speakers of other Languages (TESOL), em Miami.

O percurso que conduziu a essa criação não foi tranqüilo no entanto, tendo-se iniciado em maio de 1973 na reunião da TESOL e passado por reuniões várias da Linguistic Society of America (LSA) e da própria TESOL. Em reunião da LSA em Ann Arbor, em agosto de 1973, foi proposto que a Lingüística Aplicada fosse uma subseção da LSA, proposta aprovada na reunião de San Diego em dezembro do mesmo ano, com a condição de que essa subseção "mantivesse os padrões de qualidade da LSA". Não havia muita confiança, parece, nos padrões observados na área de LA, o que levou, como revide, à não criação da subseção. Paralelamente, na TESOL já se criava, dentre os grupos de interesse especial (SIG), um, designado Lingüística Aplicada, com Bernard Spolsky como primeiro coordenador, na reunião da TESOL em Nova York em 1976. Desde então, o SIG Lingüística Aplicada permanece na TESOL, ocupa espaço especial nas reuniões anuais da associação e oferece oportunidades de intercâmbio entre seus membros. No Brasil, a Associação de Lingüística Aplicada do Brasil (ALAB) percorreu caminhos igualmente longos, senão tão tortuosos. Vinte anos após a criação do primeiro Programa de Estudos Pós-Graduados em Lingüística Aplicada<sup>2</sup> do país, é formalmente criada a ALAB, em julho de 1990, evidenciando que há um número de pessoas que se reconhecem mutuamente como membros de um mesmo grupo e que há um corpo de pesquisas que merece reuniões e discussões. Só agora, formalmente, esse grupo adquire identidade e *status* próprios, embora continue como especialidade de uma subárea, na taxonomia oficial das áreas do conhecimento humano tradicionalmente estabelecidas pelas agências de financiamento à pesquisa. O que conta, acima de tudo, no entanto, é o senso de identidade concedido pelo reconhecimento dos pares, conforme indica Strevens, citado na epígrafe deste trabalho. E, no Brasil, é motivo de satisfação verificar que, neste momento, há um grupo de lingüistas aplicados capazes de ser reconhecidos como tal por outros lingüistas aplicados. É sinal de maturidade, é indicação de desenvolvimento da área. Outro sinal de desenvolvimento, também, é o crescimento do número de programas de pós-graduação em Lingüística Aplicada.

## Concepções Epistemológicas

Vejamos rapidamente algumas das interpretações mais comumente encontradas para o termo *lingüística aplicada*.

2 O Programa de Estudos Pós-Graduados em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas (LAEL), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 1970.

## Lingüística Aplicada Entendida como Ensino/Aprendizagem de Línguas

Esta identificação, talvez a mais antiga das interpretações, tem sido particularmente encontrada na tradição britânica. A noção de LA como sinônimo de estudo científico dos princípios e da prática do ensino/aprendizagem de língua estrangeira é apresentada por Pit Corder (1973), em seu histórico *Introducing applied linguistics*. Durante muito tempo talvez tenha sido a área mais em foco e a que mais apoio tenha recebido para seu desenvolvimento.<sup>3</sup> Se de um lado isso foi bom, de outro lado talvez tenha contribuído para confundir a questão e para situar a própria LA em um plano secundário. Infelizmente, no mundo real as ciências aplicadas e, particularmente, o ensino são sempre vistos como de menor valor, em relação à ciência pura. Esse fato tem criado dificuldades que persistem até hoje, com intensidade decrescente, talvez, mas assim mesmo ainda criando obstáculos para o estabelecimento da LA como área de direito próprio. Embora a essa concepção de LA tenham-se contraposto outras, já há publicações tão recentes quanto o *Longman dictionary of applied linguistics* (Richards et. al., 1985) que adotam a identificação de LA com ensino/aprendizagem de línguas, pois "no uso geral o termo refere-se ao estudo do ensino/aprendizado de línguas" (p.VI, tradução minha). É esse também o significado primeiro apresentado no verbete. É verdade que o dicionário refere-se, ainda na introdução (p. VI), a outros dois usos do termo, como entendido contemporaneamente: aplicações do estudo da linguagem a qualquer área de interesse prático e aplicações das pesquisas em lingüística teórica. Quanto à propriedade destas interpretações, referir-nos-emos mais adiante, mas vale a pena notar também que, no verbete, os autores oferecem uma breve indicação de uma interpretação mais condizente com a data de publicação do dicionário: a LA, como um ramo do saber, "usa não só informação da sociologia, psicologia, antropologia e teoria da informação, bem como da lingüística, a fim de desenvolver seus próprios modelos teóricos de linguagem e de uso da linguagem, e, depois, usa esta informação e teoria em áreas práticas, tais como organização de programas, terapia da fala, planejamento lingüístico, estilística, etc." (tradução minha). O verbete remete também a outro: etnografia da comunicação, ou "o estudo de como as pessoas de um determinado grupo ou comunidade se comunicam entre si e como as relações sociais entre essas pessoas afetam o tipo de linguagem que usam" (tradução minha). Vê-se aqui uma abertura para uma interpretação mais condizente com a data da publicação do dicionário.

De fato, basta um lançar de olhos aos sumários das últimas reuniões internacionais da AILA para se verificar que a gama de tópicos, além de ensino/aprendizagem de língua estrangeira, torna-se cada vez mais ampla: ensino/aprendizagem da língua materna, multilingüismo, testes, planejamento lingüístico, sociolingüística, psicolingüística, lexicografia, tradução, lingüística contrastiva, lingüística computacional, estilística, letramento, dentre outros.

3 O nome do primeiro programa de estudos pós-graduados em LA no Brasil reflete a concepção de gente na época de sua criação.

Se me detive mais do que poderia parecer razoável no *Dictionary of applied linguistics* é porque, sendo uma obra de referência especificamente da área, pareceu-me interessante examinar a visão que apresenta.

### Lingüística Aplicada Entendida como Consumo, e não como Produção de Teorias

Nesta visão, a LA seria um mediador entre descrições teóricas e atividades práticas diversas. Dentre as manifestações dessa linha, citemos algumas apenas, mais marcantes. Para Halliday, McIntosh e Strevens (1964: 138), a LA usa as descrições feitas pela Lingüística para outra finalidade, fora da Lingüística, e para Pit Corder (1973), quase uma década mais tarde, a LA pressupõe a Lingüística, é uma atividade, e não um estudo teórico, que usa os resultados de estudos teóricos para o ensino de línguas. Dentro dessa visão de LA, tipicamente, encontra-se a Edinburg Series, do final da década de 70. Um bom número de lingüistas aplicados atuantes, hoje, teve sua iniciação na área com a ajuda dos quatro volumes dessa série, que, penso poder dizer, marcou época e serviu de guia para muitos cursos de pós-graduação, principalmente os de orientação européia.

No volume da Série *Papers in applied linguistics* (1975), Pit Corder assim define LA:

...a set of related activities or techniques mediating between the various theoretical accounts of human language on the one hand and the practical activities of language teaching on the other.(1975: 4-5)

Não é desprovido de humor o comentário de Palmer (1980: 22) a respeito dessa definição: o lingüista aplicado seria, assim, investido de uma função quase sacerdotal de mediador, não entre o homem e Deus, mas entre a Lingüística e a maioria das atividades intelectuais. Seria intermediação, mediação, médium, mensageiro, casamenteiro, promotor, empresário, o fio que carrega a corrente, direta ou alternada.

A idéia de mediação é, ainda, encontrada em Anthony (1980), Russel Campbell (1980) e em Widdowson (1975). A contra-argumentação de Palmer (1980), no entanto, não deixa de colocar LA como mediadora. Para ele a Lingüística é uma disciplina que pode englobar várias matérias (*subjects*), podendo ser usada para dar-lhes substância intelectual. Essas matérias, por sua vez, podem ser entendidas como componentes de outras disciplinas, que não a Lingüística. Para mencionar apenas um dos exemplos citados por Palmer, a gramática seria uma matéria componente da disciplina Lingüística, que faria a mediação entre a Lingüística e praticamente todas as disciplinas de uma longa lista que inclui, entre outras, a Antropologia, a Cibernética, a Física, a crítica literária, a Sociologia e a tradução, por exemplo.

A LA é, pois, entendida como “o uso de matérias lingüísticas cujo conteúdo pode aprimorar o trabalho prático naquelas disciplinas que incluem o uso da linguagem.” (p.23)

A conclusão de Palmer (1980), no entanto, não é muito elucidativa, nem revela otimismo quanto à possibilidade de se definir o termo. Como não entende a Lingüística como uma ciência natural, não pode reconhecer na LA o *status* de ciência aplicada. Para ele o nome LA é inadequado, com conotações que geram pressupostos infelizes. Concorda com Kaplan (1975), que a define como “um campo nebuloso”, com o Buckingham (1980), que considera o nome “enganador e inadequado, ao mesmo tempo estreito demais e amplo demais... mal escolhido”. Concordando com Oller (1977), para quem “a LA encontra-se nas fronteiras da ignorância”, sugere que se abandone o nome, passando-se a chamá-la de ensino de línguas, ou dialetologia, ou fonologia, ou teoria sintática. Voltamos à estaca zero? Penso que não.

### Lingüística Aplicada Entendida como Área Interdisciplinar

Algumas metáforas usadas em tentativas de se definir LA aparecem como luzes a indicar desenvolvimentos futuros. Para Pap (1972) LA é uma encruzilhada, uma ponte com tráfego nos dois sentidos; Buckingham (1980) diz que a LA é horizontal, com intersecções.

Kaplan (1980: 10), usando observações do crítico de teatro norte-americano Georges Jean Nathan, faz uma analogia entre a LA e o teatro. Do mesmo modo como o teatro é o ponto onde todas as artes — música, literatura, cenografia, interpretação, dança, artes plásticas — se encontram e se tornam realidade, “a LA constitui o ponto no qual todo o estudo da linguagem se encontra e se torna realidade”. A LA é o ponto, então, onde o estudo da linguagem se intersecciona com outras disciplinas.

Para Strevens, aparentemente, na Grã-Bretanha pelo menos, a noite não é tão escura nem há crise de identidade profissional (1980:36). Os lingüistas aplicados não procuram usurpar as funções dos lingüistas, psicólogos ou professores. A partir de um interpretação multidisciplinar para a solução de problemas relacionados à linguagem, de uma redefinição sempre nova para cada novo conjunto de problemas, a LA adquire uma autonomia organizacional que lhe justifica o uso do nome como área de direito próprio.

Ingram (1980) também vê a LA como área autônoma que constrói seus próprios princípios a partir de experimentação e de modificações na solução de problemas. Está implícita a idéia de uma revisão e avaliação constantes das ciências básicas com que se relaciona, das *introversões* e dos princípios com que opera. Não se nutre de uma teoria única, aplicável universalmente. A medida que se desenvolve, no entanto, o conjunto de princípios aceitos cresce e estabelecem-se paradigmas próprios para sua operacionalização.<sup>4</sup>

Crystal (1981), por outro lado, questiona quem decide se há um problema a ser resolvido. Para ele, não deveria ser o lingüista, como frequentemente ocorre,

4 Ingram exemplifica em nota (p. 54), referindo-se à abordagem de Erasmo no século XVI, de Gouin, no século XIX e mais recentemente de Strevens e Corder.

mas sim o usuário, que pode ser o professor de línguas, o fonoaudiólogo, tradutores, intérpretes, críticos literários etc. Alerta, contudo, para a dificuldade em se definir o problema. Para Crystal a noção de "problema" tem que ser tomada como axiomática para que uma classe de situações de LA possa ser postulada. Dentro dessa classe, uma tipologia de situações de LA deve ser estabelecida, para que seja possível chegar a uma organização hierárquica (p.22). A colaboração entre usuários, linguistas e profissionais das áreas pertinentes é crucial, não só para a identificação de problemas com mais clareza, mas também para preencher os espaços entre identificação e solução dos problemas. Em 1981 Crystal enfatiza a necessidade de se obter descrições do comportamento linguístico de usuários da linguagem, sejam eles professores, alunos, médicos, pacientes, tradutores, usuários de dicionários, lexicógrafos. Para Crystal, essa é a grande tarefa da LA, que, no momento em que escreve, não foi além de conseguir uma identidade operacional. A interdisciplinaridade, segundo ele, poderia levar ao desenvolvimento de uma disciplina que seria melhor denominada "applied behaviour studies", na qual a Linguística, a Sociologia, a Psicologia e outras matérias relevantes teriam igual peso na formação do pesquisador. O peso atribuído por este aos vários componentes de um problema seria o fator determinante para decidir que parte de sua formação desempenha o papel fundamental em determinada pesquisa (p.16). Acertadamente, Crystal antevê sinais de alguns encaminhamentos nessa direção. Uma década mais tarde, penso ser possível afirmar que a trajetória da LA seguiu esse rumo. A interdisciplinaridade torna-se característica cada vez mais marcante de nossa área, atingindo além dos conteúdos mesmos as metodologias de pesquisas oferecidas por diferentes tradições, em disciplinas diversas.<sup>5</sup>

Ao que tudo indica, no entanto, não se chegou ainda a uma teoria da LA, vista como uma necessidade tanto por Crystal (1981) quanto por Kaplan (1980). Para o primeiro, para se chegar a uma teoria, será necessário que os profissionais das várias áreas dentro da LA se preocupem em estabelecer semelhanças e diferenças entre elas para poder melhor focalizá-las. Para o segundo, uma teoria será necessária para possibilitar "o desenvolvimento de algoritmos que, por sua vez, permitam aos linguistas aplicados tratarem sistematicamente dos tipos de problemas humanos que claramente lhes dizem respeito" (p.65-66, tradução minha).

As indicações de que se está caminhando em direção a isso são animadoras e se encontram nos esforços visíveis de se definir o escopo da disciplina cada vez com mais clareza. Isso me leva de volta à pergunta inicial.

### Afinal, o que é Linguística Aplicada?

Parece-me que neste momento, histórico para os linguistas aplicados brasileiros, já que 1990 é o ano da fundação da Associação de Linguística Aplicada

<sup>5</sup> Para citar um exemplo .penas, ver o papel desempenhado hoje pela metodologia da pesquisa etnográfica na pesquisa .m ensino/aprendizagem de línguas.

do Brasil, indicativo de maturidade dos profissionais da área, a resposta àquela pergunta poderia ser resumida nas considerações que seguem.

Está claro para os que hoje militam na LA no Brasil que, embora a linguagem esteja no centro da LA, esta não é necessariamente dominada pela Linguística. Em uma representação gráfica da relação da LA com outras disciplinas com as quais ela se relaciona, a LA não apareceria na ponta de uma seta partindo da Linguística. Estaria provavelmente no centro do gráfico, com setas bidirecionais dela partindo para um número aberto de disciplinas relacionadas com a linguagem, entre as quais estaria a Linguística, em pé de igualdade, conforme a situação, com a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia, a Pedagogia ou a tradução. As imagens da encruzilhada e da ponte com duas mãos de direção, sugeridas por Pap, estão bem claras na mente dos linguistas aplicados.

As linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação em LA e dos temas das dissertações e teses que delas provêm são indício certo de que a independência da LA firma-se cada vez mais: não são mera aplicação da Linguística.

Do mesmo modo que a LA se torna independente da Linguística, desvencilha-se, também, da falsa identidade única com ensino de línguas, e, particularmente, ensino de línguas estrangeiras. Os programas de estudos pós-graduados mais recentes são testemunhos disso, na diversidade de suas linhas de pesquisa em áreas outras que não o ensino de línguas.

A par dessas constatações decorrentes de um lançar de olhos ao que me parece ser o panorama nacional, representado pelos núcleos aglutinadores de pesquisas em LA, ou seja, os programas de pós-graduação e as associações profissionais, gostaria de ressaltar dois pontos:

- 1 A LA só pode firmar-se como área de pesquisa de direito próprio, respeitável no meio acadêmico, se os linguistas aplicados se dispuserem a fazer LA sem o injustificável complexo de inferioridade, ao invés de fazerem aplicação da Linguística. Parece que essa fase subserviente está ultrapassada e isso é reconhecido pelos linguistas aplicados.
- 2 Os linguistas aplicados deveriam ter sempre presente, a norteá-los e a servir-lhes de alento em momentos de incerteza, a natureza essencialmente humanista da LA. É um paradoxo que disciplina tão impregnada de humanismo tenha-se originado do desejo de algumas pessoas serem identificadas como cientistas e não como humanistas, nos Estados Unidos, na década de 40 (Mackey, 1966). Concordando com Kaplan (1980: 63-64), podemos afirmar que não há atividade humana na qual o linguista aplicado não tenha um papel a desempenhar. Por estarem diretamente empenhados na solução de problemas *humanos* que derivam dos vários usos da linguagem, os linguistas aplicados estão envolvidos em trabalho que tem uma dimensão essencialmente dinâmica. Os linguistas, por sua parte, no empenho de resolver problemas *lingüísticos*, relacionados com algum dos subsistemas da linguagem, que podem ser tornados estáticos, podem encontrar-se isolados das variáveis complexas que afetam o comportamento humano.

No entanto, as atividades inerentes às duas áreas não se colocam em uma relação de polaridade. Deveriam circular livremente naquela ponte com tráfego em dois sentidos. Até agora, a mão de direção Lingüística → LA esteve sempre aberta, porque a necessidade do tráfego fluir nesse sentido não era posta em discussão. Os benefícios que poderiam advir para a circulação do conhecimento, se se reconhecesse a necessidade de se abrir também a outra mão de direção, seriam imensos. O sentido LA → Lingüística levaria a esta os problemas humanos detectados naquela para que se tomassem preocupação também dos lingüistas chamados teóricos. Por que na vida real isso não acontece? A questão é complexa, misteriosa até... envolve toda a complexidade do relacionamento humano, e mais particularmente, do relacionamento humano na realidade do mundo acadêmico. Mereceria um momento especial para se especular a respeito. A LA, tão versátil por natureza, capaz de redefinir-se face a cada problema novo com que se defronta, conforme bem argumenta Strevens (1980: 34), talvez possa, ela mesma, esclarecer esse problema da vida real, essencialmente humano.

### Referências Bibliográficas

- ANTHONY, Edward M. 1980. *Toward a redefinition*, In T. (ed).
- BOHN H. & P. Vandresen (org.). 1988. *Tópicos de Lingüística Aplicada*. Editora da Universidade Federal de Santa Catarina.
- BUCKINGHAM, T. (ed.) 1980. *Toward a redefinition of applied linguistics: current statements on the Nature and functions of applied linguistics with particular emphasis on its context in language learning and teaching*. Applied Linguistics Special Interest Group round table. TESOL Convention Miami Beach. Mimeo. Também publicado em Kaplan, como BUCHINGHAM, T. e DAVID E. Eskey.
- CAMPBELL, Russel N. 1977. In Buckingham. Também publicado em Kaplan, 1980.
- CORDER, S. P. 1973. *Introducing applied linguistics*. Peguin.
- . 1975. *Applied linguistics and language teaching*. In J.P.B. Allen & Pit Corder (eds.) *Papers in Applied Linguistics*. Oxford: University Press.
- . 1977. In: Buckingham, T. e republicado em Kaplan, 1980.
- CRYSTAL, David. 1981. *Directions in Applied Linguistic*. Academic Press.
- HALLIDAY, M.A.K., A. McIntosh & Strevens, P. 1964. *The Linguistics Sciences and Language Teaching*. Longman.
- INGRAM, D. E. 1980. *Applied linguistics: a search for insight*. In Kaplan, 1980.

- KAPLAN, R.B. 1977. In Buckingham, republicado em Kaplan, 1980.
- . 1980. *Applied Linguistics*. Newbury House.
- MACKEY, W.F. 1966. *Applied linguistics: its meaning and use*. *English Language Teaching*, 20, 3: 197-206.
- ODLLER, J. 1977. In Buckingham, republicado em Kaplan, 1980.
- PALMER, J. D. *Linguistics in media res*. In Kaplan, 1980.
- PAP, L. 1972. *What do we mean by applied Linguistics?* In: R.W. Ewton and I. Orstein (eds.) *Studies in Language and Linguistics*. El Paso, Texas: Western Press.
- RICHARDS, J.& Weber, J. and H. 1985. *Longman Dictionary of Applied Linguistics*. Longman.
- STREVEN, P. *Who are applied linguistics?* In Kaplan, 1980.
- WIDDOWSON, H.G. 1975. *Stylistics and the teaching of literature*. Longman.